

Terminamos, saudando uma vez mais esta magnífica publicação e formulando o voto de que a editora Cotovia continue a servir, de forma tão meritosa a cultura portuguesa, entregando à responsabilidade de helenistas ou latinistas a tradução de obras da Antiguidade Clássica, que serão para todo o sempre testemunhos inalienáveis da história da Humanidade.

MARIA FERNANDA BRASETE

**Francisco Oliveira, Paolo Fedeli, Delfim Leão (edd.), *O Romance Antigo. Origens de um género Literário*, Coimbra, Universidade de Coimbra–Università degli Studi di Bari, 2005, 281 pp. [ISBN 972-9057-21-4]**

São dezoito os estudos reunidos no presente volume, dedicado às origens e persistência do romance antigo, numa edição conjunta do Instituto e do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, e do Departamento das Ciências da Antiguidade, da Universidade de Bari. Num breve e conciso “Preâmbulo”, assinado por um dos editores portugueses, Francisco Oliveira, esclarece-se que esta publicação concretiza um projecto de dimensão internacional, nascido no âmbito da linha de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e que esteve na origem de um congresso realizado em Março de 2005.

Um texto sedutor e poético de um dos maiores mestres da Filologia Clássica portuguesa, Walter de Sousa Medeiros, intitulado “Na Aurora do conhecimento: do Túmulo à Pacificação”, abre da melhor maneira esta colecção de artigos de reputados especialistas nacionais e estrangeiros, evocando dois romances paradigmáticos da Antiguidade: o *Satyricon* de Petrónio e o *Asinus Aureus* de Apuleio.

Uma discussão teórico-literária bem fundamentada e pertinente da *uexata quaestione*, que engloba a problemática taxonómica da narrativa de ficção da Antiguidade e a delimitação do género, constitui o cerne do estudo de Marília Pulquério Futre Pinheiro, intitulado “Origens gregas do género”.

No artigo de Maria do Céu Fialho, sob o título “Novas tendências narrativas nas *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes”, o *epos* do bibliotecário de Alexandria é objecto de uma fecunda e importante reflexão. Recordando alguns expedientes da técnica narrativa homérica — nomeadamente o narrador, o motivo do sonho, o tema do *nostos*, os símiles e a temática erótica — a A. pretende demonstrar como o tratamento poético da expedição dos Argonautas pressupõe a utilização de novas modalidades narrativas, não completamente estranhas ao padrão da epopeia arcaica, em particular à *Odisseia*, mas genologicamente inovadoras e com repercussões significativas ao nível da estrutura do poema, das estratégias narrativas e da caracterização das personagens.

Seguidamente, Maria de Fátima Sousa Silva, em “O motivo do sonho no Romance de Cáriton”, centra a sua leitura daquela que se pensa ser a obra mais antiga do género (séc. I d.C.) na análise dum *topos* literário proveniente da tradição literária anterior — épica e dramática, principalmente —, mas que a ficção narrativa da época helenística reconfigurou em termos discursivos, conforme as novas exigências do género, para actualizar a sua eficácia no desenho dos caracteres e na construção da intriga.

Em “Imagine Poetische — Sulla funzione delle *Bildeschreibungen* nel romazo di Achille Tazio”, Bernhard Zimmermann, começa por evocar alguns dos passos mais emblemáticos da literatura grega que consagraram a *ekphrasis* como um recurso retórico-literário permeável à dinâmica evolutiva dos géneros da antiga literatura grega, desde os Poemas Homéricos à Segunda Sofística, estendendo-se até à Época Bizantina. Quatro *Bildeschreibungen* presentes no romance *Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio, são objecto duma interessante análise, em que se examinam as diferentes funções consignadas às descrições ecfrásicas, quer no plano da estruturação narrativa da acção, quer na atitude hermenêutica sugerida ao leitor.

De seguida, com o estudo de Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimental, intitulado “Enquadramento histórico do Romance em Roma”, inicia-se uma deslocação, geográfica e cronológica, para o

mundo da literatura latina. Detendo-se no “século fascinante” (p.71) que foi o século I d.C., a A. propõe-se definir as coordenadas culturais e históricas que nortearam a criação do romance em língua latina — em particular o *Satyricon* de Petrónio —, tecendo as suas reflexões em torno de duas questões fundamentais: «Que reflexo da época encontramos no *Satyricon*? Para quem foi escrita esta fabulosa narrativa?» (p.74).

Os cinco artigos que se seguem são todos eles dedicados à exegese do fragmentário romance de Petrónio, que continua a despertar o interesse dos investigadores contemporâneos. Paulo Sérgio Ferreira concentra-se no tema da escravatura, tomando como base de análise a relação de Trimalquião com os escravos. Em “O uso paródico e satírico do tema da escravatura na *Cena* petroniana”, pretende-se demonstrar como um jogo de alusões, baseadas no hipotexto senequiano, serve para questionar a *humanitas* do egocêntrico Trimalquião, bem como fazer eco de um “desencanto pessimista que tantas vezes se pressente no texto pretoniano” (p.103). Sublinhando a intencionalidade irónica e crítica do *Satyricon*, o estudo de Delfim Leão, “Eumolpo e as correntes místicas gregas”, afigura-se uma abordagem inovadora, orientada para um aspecto particular que não tem colhido a atenção da crítica petroniana: a relação entre a personagem do velho poeta Eumolpo e as correntes místicas gregas. Paolo Fideli, sob o título “Il Labirinto nel *Satyricon*”, considera que estilo de composição fragmentada da narrativa se aproxima muito mais do que se poderia pensar dos modelos gregos, e a associação da metáfora do labirinto à temática da viagem deve ser entendida não como uma “refinada extravagância aristocrática”, mas como expressão poética de um motivo típico dos romances de amor gregos: “o da purificação e da iniciação do herói através da prova” (p. 127). Como o título sugere, o trabalho de Rosabalda Dimundo, “Le novelle petroniane: forme di riscrittura dei modelli”, foca a mescla genológica que entretece a narrativa petroniana, onde a reconversão dos modelos tradicionais apela para uma dinâmica de leitura activa e múltipla. Ainda dedicado ao romance petroniano, o artigo de Eckard Lefèvre, “Pterons Kleidernovelle 12-15”, examina a estrutura bipartida do episódio do “manto roubado”,

ressaltando que enquanto a primeira parte está mais próxima dos modelos tradicionais, a segunda indicia um tratamento paródico de questões judiciais da época.

O volume prossegue com dois estudos dedicados a Apuleio. Em “O romance de Cárite em Apuleio”, assinado por José Luís Lopes Brandão, oferece-se uma análise bem documentada dos elementos trágicos da história de Cárite, cujo sentido último acolhe a influência exercida pelas ideias professadas pelo cristianismo então florescente. Cláudia Amparo Afonso Teixeira, em “As histórias no *Asinus Aureus* de Apuleio e a sua relação com o romance”, toma como objecto de análise a estruturação da odisseia de Lúcio, onde se integram diversas histórias que, em sua opinião, se organizam em duas sequências narrativas complementares: a primeira, constituída pelo conto idílico de Amor e Psique e a história de Cárite e Hemo/Tlepólemo; a segunda, o adultério e as histórias dos ladrões dos livros IX e X.

Muitos séculos depois, a história do romance conheceria uma outra época de florescimento, durante o império bizantino. Quatro exemplares romanescos desse período são tomados em consideração por Vitor Ruas, em “*Ethopoeia* no romance bizantino do século XII”, para explicar as implicações que o recurso à *ethopoeia* produziu na configuração deste género narrativo.

Tendo sido a *Historia Appollonii Regis Tyri* um dos textos latinos mais lidos na Idade Média e no Renascimento, e dos mais glosados na literatura posterior, a sua actualização em *Confessio Amantis* incentiva Paula Mota Carrajana a oferecer-nos um breve estudo comparado no seu artigo, intitulado “Da *Historia Apollonii Regis Tyri* à *Confessio Amantis*: Leituras de uma narrativa singular”.

Andrés Pociña, em “Comparações impróprias e próprias para tentar compreender um género indefinido: Petrónio, Apuleio e o Dom Quixote de 1605”, considera que «dificilmente se poderão achar duas obras de estrutura e organização mais parecidas do que o *Satyricon* do latino Petrónio e o Quixote do espanhol Cervantes» (p.222). É sua opinião que apesar de o autor de Dom Quixote ter tido possivelmente um

conhecimento indirecto da narrativa petroniana, antes de 1605, ao contrário do que aconteceu com as *Metamorfoses* de Apuleio, as várias conclusões que se poderiam tirar da comparação entre os dois romances latinos e a primeira parte do Dom Quixote (1605) não viriam resolver a impossibilidade de definir este género literário.

Na senda dos estudos comparados, inscreve-se também o artigo de João Domingues (Histórias “mais que verdadeiras” de Luciano ou de Voltaire”) que, como o título indica, aborda a questão da recepção da narrativa fantástica da *História Verdadeira* em autores franceses como, por exemplo, Rabelais, Cyrano de Bergerac e Voltaire.

Por último, algumas questões genológicas, decorrentes da evolução do romance como género narrativo que, desde a Antiguidade aos nossos dias, se foi remodelando sob a influência de novos padrões estético-literários e de diversos estilos de época, constituem o âmago do estudo de Ana Paula Arnaut, intitulado “Em trânsito: do romance ao romance?”

Para se avaliar o interesse desta publicação, bastará salientar o mérito dos seus autores e o das duas instituições de estudos clássicos envolvidas, bem como a temática tratada. A importância desta colectânea reside na complementaridade dos diversos estudos que acompanham as origens e sobrevivência de um género narrativo que das suas matrizes greco-latinas conservou muitas das suas características temáticas e formais.

Não é possível, no entanto, deixar de lamentar que em sete dos dezoito artigos coligidos nesta edição, destinada não só a especialistas mas também a um público mais alargado, mesmo até internacional, não tenha sido incluído um “resumo”, e um dos estudos, escrito em língua alemã, presente, nesse mesmo idioma, um “résumé” (p.145).

Apesar desta observação de pormenor, registamos com agrado a publicação deste volume, um importante instrumento de divulgação dos estudos clássicos, em Portugal e no estrangeiro.

MARIA FERNANDA BRASETE